



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Agosto

Nº 381

Operação Barbarossa, 80 anos

GERALDO LUÍS LINO
Da Solidariedade Íbero-Americana

(Fonte: Informativo do MSIA nº 01, volume XXVIII, de junho de 2021)

*“À guerra, cavaleiros esforçados! Pois os
anjos sagrados em socorro estão em
terra. À guerra”!*
Gil Vicente

Dortmund! Mohn! Kresse! Aster! Aster!"

Há 80 anos, essas palavras de código sinalizaram a deflagração da maior investida militar da História, a Operação Barbarossa, invasão da União Soviética pelas forças da Alemanha Nazista de Adolf Hitler, que resultaria em quase quatro anos da maior carnificina da II Guerra Mundial, com a morte de 30 milhões de seres humanos, entre militares e civis.

Na madrugada de 22 de junho de 1941, uma colossal força de 3,6 milhões de homens (80% do Exército alemão mais tropas auxiliares finlandesas, húngaras, eslovacas e romenas), 2.700 aviões, 3.600 tanques, 7.100 canhões, 600 mil veículos motorizados e 600 mil cavalos, iniciou um devastador ataque contra as forças defensivas soviéticas ao longo de uma frente de quase 2.600 quilômetros, entre a Finlândia e a Romênia, em três grandes grupos de exércitos direcionados contra Leningrado, ao norte, Moscou, no centro, e Kiev, na Ucrânia, ao sül.

O objetivo geral de Hitler era a conquista da maior parte da Rússia Europeia, a Bielorrússia e a Ucrânia, territórios que deveriam proporcionar ao Terceiro Reich o "espaço vital" e os recursos naturais que, na visão do *Führer*, faltavam à Alemanha para se tornar a grande potência mundial.

Igualmente, seria uma guerra de extermínio do "comunismo judaico", eleito o grande inimigo ideológico do nazismo, e das populações eslavas da região, consideradas "raças inferiores". Em especial, a Ucrânia, com suas férteis áreas agrícolas, deveria representar para o "Grande Reich" um papel semelhante ao da Índia para o Império Britânico.

Tais objetivos já constavam do livro de Hitler, *Minha luta (Mein Kampf)*, publicado em 1926:

"(...) Um grande povo, sem possibilidade de aumento territorial, parece destinado ao desaparecimento... A Alemanha tornar-se-á uma potência mundial ou deixará de existir... Quando hoje em dia falamos, na Europa, de nosso solo, pensamos, em primeira linha, somente na Rússia e Estados adjacentes, a ela subordinados. O próprio destino parece querer nos indicar a direção... Nossa finalidade, a missão do movimento nacional-socialista, é, porém, convencer o povo alemão de que não deve ver aí o seu objetivo do futuro realizado na embriaguez de uma nova campanha de Alexandre e sim no trabalho laborioso do arado alemão, ao qual só a espada tem de dar o solo".

Antes da invasão, Hitler não deixou margem a dúvidas sobre o caráter da campanha, quando disse aos seus generais: "Esta é uma guerra de extermínio. Os comandantes devem estar preparados para sacrificar os seus escrúpulos pessoais."

De fato, as tropas regulares foram seguidas por esquadrões da morte da SS (*Einsatzgruppen*) encarregados da execução sumária de civis, principalmente judeus, funcionários do governo soviético e outros. Até o final da guerra, estima-se que os *Einsatzgruppen* tenham assassinado mais de um milhão de pessoas. Ironicamente, a brutalidade nazista impediu que um grande número de ucranianos e bielorrussos apoiassem os invasores contra o regime de Stálin, rival de Hitler em violência, voltada contra o seu próprio povo.

Por ocasião do ataque, encontrava-se em pleno vigor o Pacto de Não-Agressão estabelecido pelos dois ditadores em agosto de 1939, ainda hoje, alvo de tantas polêmicas. Na época, Hitler já tinha a URSS na alça de mira, mas não podia atacá-la sem antes resolver o seu contencioso com a Polónia sobre Dantzig (cidade com mais de 90% de população alemã entregue à Polónia após a I Guerra Mundial) e neutralizar a França como aliada potencial dos soviéticos, a despeito do anticomunismo exacerbado de grande parte de suas elites. Por sua vez, Stálin, depois de frustradas todas as tentativas de estabelecer um pacto defensivo com a França, Inglaterra e Polónia, precisava ganhar tempo para preparar as suas debilitadas forças armadas para o confronto que sabia inevitável. Portanto, o pacto foi um arranjo de conveniência temporário que serviu momentaneamente aos propósitos de ambos, mas Stálin superestimou largamente a sua própria capacidade de "esticá-lo".

Apesar dos numerosos informes recebidos sobre a invasão, muitos chegando a precisar a data, oriundos dos seus serviços de inteligência, de governos estrangeiros, entre eles, a Inglaterra e os EUA, e até mesmo, por incrível que pareça, do embaixador alemão em Moscou, a obsessão de Stálin com "não provocar" Hitler dificultou sobremaneira a preparação do dispositivo de defesa soviético e, com exceção da Marinha (comandada pelo previdente almirante Nikolai Kuznetsov), o Exército e a Força Aérea foram apanhados desprevenidos.

Os resultados foram catastróficos. A Força Aérea soviética perdeu mais de 4 mil aviões nos primeiros dias, a maior parte destruída no solo. Até o início de outubro, o Exército Vermelho perdeu mais de 2,7 milhões dos seus cinco milhões de homens, entre mortos, feridos e prisioneiros de guerra (a maioria dos quais morreria de fome e maus tratos nos campos de prisioneiros nazistas).

Das cinco maiores cidades soviéticas, Minsk, Kharkov e Kiev caíram nas mãos dos invasores e Leningrado, submetida a um cerco que duraria quase 900 dias e causaria a morte de um milhão dos três milhões de habitantes da cidade, a maioria de fome. O alvo seguinte era a capital Moscou. Entretanto, ao custo de uma monumental perda de vidas, os soviéticos conseguiram contrariar os prognósticos otimistas das lideranças alemãs sobre a campanha rápida de dois ou três meses com que contavam, principalmente, devido às suas limitações de equipamentos, combustíveis e suprimentos. Esta era uma vulnerabilidade da máquina de guerra nazista, agravada pelas dificuldades logísticas criadas pelas vastas distâncias da URSS, problemas que não haviam se manifestado nas fulminantes campanhas de 1939-1940, contra a Polônia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e França. E um aspecto pouco conhecido da campanha no Leste é que boa parte dos combustíveis usados pela Wehrmacht provinha de empresas petrolíferas estadunidenses, disfarçada de remessas à neutra Espanha e à França de Vichy (prática que prosseguiu até mesmo, durante certo tempo, após a declaração de guerra de Hitler aos EUA, em dezembro de 1941).

Assim, apesar dos sucessos iniciais, o ataque alemão foi detido às portas de Moscou, em dezembro, com uma vigorosa contraofensiva comandada pelo general Giorgi Zhukov, que viria a tornar-se um dos grandes líderes militares do conflito. Pela primeira vez, a já esgotada Wehrmacht foi obrigada a recuar e a liderança nazista, inclusive o próprio Hitler, percebeu que a guerra já não poderia ser vencida por meios militares. Todavia, ela ainda duraria na Europa outros 40 longos e sangrentos meses (e mais três até a rendição do Japão).

Desde a Guerra Fria até hoje, autores "revisionistas" a serviço da agenda hegemônica encabeçada pelos EUA têm se empenhado em afirmar que Hitler teria apenas se antecipado a um suposto iminente ataque preventivo soviético, mas isto não resiste à análise mais superficial.

De fato, Stálin achava que a guerra com os nazistas era inevitável, mas não a esperava para antes de 1942, quando julgava que suas forças estariam em melhores condições. Tais tentativas têm motivações claramente políticas, com a intenção de distorcer os fatos históricos em apoio a uma agenda de demonização da Rússia como sucessora da URSS. O mesmo se manifesta no empenho de autores e políticos estadunidenses e europeus em equiparar Stálin a Hitler como corresponsáveis pela deflagração da II Guerra Mundial, distorcendo o significado do Pacto de Não-Agressão de 1939.

Em uma cerimônia realizada no Museu Alemão-Russo Berlim-Karlshorst, entidade mantida pelos dois governos, em 18 de junho último, o presidente alemão Frank Walter Steinmeier proferiu um emotivo discurso em reconhecimento aos horrores e às vítimas da guerra, no qual ressaltou as responsabilidades da geração atual.

Na ocasião, afirmou:

"Não é fácil para qualquer um trazer à mente os horrores do passado. Entretanto, reprimir as memórias, não admitir a culpa, nunca torna as coisas mais fáceis. Somente aqueles que aprendem a entender os traços do passado no presente serão equipados para ajudar a desenhar um futuro que evite guerras, rejeite a tirania e possibilite a coexistência pacífica em liberdade... O que lhes digo hoje é: neste dia, estamos recordando os milhões e milhões que perderam as suas vidas, recordemos o quão preciosa é a reconciliação, quando ela cresceu sobre os túmulos dos caídos. Este presente de reconciliação acarreta uma grande responsabilidade para a Alemanha. Nós queremos, e de fato queremos, fazer tudo para proteger o direito internacional e a integridade territorial neste continente, e lutar pela paz com e entre os Estados sucessores da antiga União Soviética (HistoryNet, 18/06/2021)".

Por sua vez, o presidente russo Vladimir Putin escreveu um artigo para o jornal alemão Die Zeit, publicado em 22 de junho, no qual, depois de citar os enormes sacrifícios do povo

soviético, lamentou os presentes desencontros entre as nações europeias e a Rússia, materializados na crescentemente agressiva atitude da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). E concluiu com um apelo:

"O mundo é um lugar dinâmico, às voltas com novos desafios e ameaças. Nós simplesmente não podemos nos dar ao luxo de carregar o fardo de desentendimentos, maus sentimentos, conflitos e erros do passado. Este é um fardo que nos impedirá de nos concentrar nos desafios que enfrentamos. Nós estamos convencidos de que todos nós deveríamos reconhecer esses erros e corrigi-los. O nosso objetivo comum e inquestionável é assegurar a segurança em todo o continente, sem linhas divisórias, um espaço comum para a Cooperação equitativa e o desenvolvimento inclusivo, para a prosperidade da Europa e do mundo como um todo (RT, 22/06/2021)".

Que essas palavras calem fundo entre todos os europeus, cujos pais e avós experimentaram os liorroses da guerra mais devastadora da História.



Propaganda soviética (Fonte: BBC)



Avanço de tropas alemãs na Ucrânia (Fonte: BBC)



A dureza do inverno russo retardou avanço da temível infantaria alemã (Fonte: BBC)



Soviéticos empilham objetos capturados de seus inimigos em Murmansk, na Rússia (Fonte: BBC)

(continua)



Stalingrado – o longo cerco nazista foi uma das batalhas mais sangrentas de toda a guerra. Na foto, atiradores soviéticos em posição defensiva (Fonte: BBC).



O Reich de mil anos de Hitler teria fim após 12 anos (Fonte: BBC)

(continua)



Corpos de Hitler e Eva Braun foram enterrados e parcialmente queimados em uma vala feita por uma bomba no jardim da Chancelaria Alemã (Fonte: BBC)



Tropas alemãs durante a Operação Barbarossa, no verão europeu de 1941 (Fonte: IMPERIAL WAR MUSEUMS)



Um paramilitar letão assassina judeus em uma rua de Riga, em julho de 1941. A invasão nazista da URSS representou o início do assassinato maciço dos judeus europeus (Fonte: IMPERIAL WAR MUSEUMS)



Tropas romenas durante a invasão da URSS, em setembro de 1941 (Fonte: IMPERIAL WAR MUSEUMS)



Uma coluna da Waffen-SS durante a invasão da URSS, em 1941 (Fonte: IMPERIAL WAR MUSEUMS)



Tropas alemãs em combate (Fonte: Wikimedia Commons)



A invasão (Fonte: US Holocaust Memorial Museum)

